

DR. MARQUES DA ROCHA  
CIRURGIA

---1---

Av. Octavio Rocha, 73 - 4.º and.  
Fone: 4871 - PORTO ALEGRE

Assim foi ele ensinando,  
Como lidar co'a madeira:  
O Cambará e a Aroeira  
E mais a canela preta  
Pra moirão mestre que estira...  
O cerne da guajuvira  
Na cambota da carreta.

A Batinga pra queimar,  
Mais o Cuatiguá vermelho,  
Pra fazer cabo de relho,  
Cotia,ninguem esquece.  
Que não empene na chuva,  
Pra molhar a Timbaúva,  
No cerne não apodrece.

Cerne de Ipê e Guajuvira,  
Pra toda a massa de carro,  
Buena pra suportar barro,  
Pra dente de tafona e torno  
A goiabeira do matto.  
Figueira pra cocho ou prato,  
Pra pá de boca de forno.

Pra cabeçalho o espinilho,  
Cambão de canela preta,  
Canga e fueiro de carreta  
A laranjeira ou a canela...  
Pra o canzil o sarandi,  
Do meu avô aprendi  
Timbaúva pra gamela.

DR. MARQUES DA ROCHA

CIRURGIA

Av. Octavio Rocha, 73 - 4.º and.  
Fone: 4871 - PORTO ALEGRE

---2---

Roda de zorra o Angico,  
Aguenta terreno e carga,  
Que é cousa pesada e amarga  
Puchar do mato a madeira,  
Não sabe quem nunca foi,  
Precisa corrente e boi  
Na falda duma ladeira.

E geito e ponta de prego,  
Muita confiança nas juntas,  
Corrente brocha e conjuntas  
Boiada gorda e parelha...  
Não tem que fazer mais conta  
Trazer estirada a ponta  
E os bois do coice na orelha.

O segredo do churrasco,  
É sempre a lenha vermelha...  
Seja no espeto ou na grelha,  
Não se assa num derrepente,  
A laranjeira é um respeito,  
É branca mas dá no jeito,  
Porque dá braza que aguenta.

Cambará de cheiro ruim,  
Deixa a carne catingenta,  
E mesmo ninguém aguenta  
Um costilhar sapecado...  
Mesmo si o pedaço é grosso,  
Assar do lado do osso  
Só no fim virar de lado.

O branquilho e a pitangueira,  
Lenha feita pra o carvão,  
Páu vidro lasca no chão,  
Quando o machado lonqueia,  
A avestruz vem de manhã  
Pra baixo do Tarumã  
Pra baixo do açoreia

Pra tronqueira a Timbaúva,  
O cedro pra uma canôa,  
Uvá branco, lenha bôa,  
Inda melhor o Cuentrilho,  
Roda de carro ~~de~~ pilão  
Angico cedro ou cocão,  
Ou de cerne de espinilho.

Pra formão de aparar casco,  
Ou pra um cabo de machado,  
Guajuvira é o indicado  
Que é madeira que não lasca,  
Matungo velho sabido,  
Aprende e 'toca de ouvido'  
No branquilho não se rasca. (Espinheiro)

Palito de sarandi,  
Pra fazer carece de arte...  
Páu que verga mas não parte,  
Se presta neste mistér,  
Faz lembrar tão resistente,  
A picuinha renitente  
Da teima duma mulher.

Guabijú dá cerne grosso,  
Dá fruta também gostosa,  
É arvore caprixosa,  
Casca bôa e alma bôa,  
Cousa difícil ainda,  
No geral, si a cara é linda,  
a consciencia é meio atôa.

O páu ferro para um tronco,  
Aguenta a furia dum touro,  
Branquilho espinheiro é ouro  
Num fogo de marcação...  
O cerne de Ipê é um outro,  
Dá moirão de amarrar potro  
É de sangrar na carneação.

O leite do mata-olho  
Si péga na vista, céga,  
Inda mais si a gente esfrega...  
Mas tem mata-olho manso,  
Bôa lenha, de bom corte,  
Desafia o vento norte,  
Num fogo brando é um descanso.

Unha de gato que enflóra,  
Traz a noticia do inverno...  
Faz parte do jogo eterno  
Este fato que acontece,  
Quando o fríó vae ser de geada,  
Olhe na beira da estrada,  
Cêdo o Maricá florece.

Pra cabeça de lombilho  
E armação de serigote,  
Se faz tirar um lingote  
No comprimento da fibra,  
Do cerne da Grapia Punha  
Pois quando um bagual desunha,  
É ouro puro de libra.

O cha-de-Bugre ou a 'Prata' (platano)  
Ou Acacia ou Imbireira,  
O Eucalito, a Aroeira,  
Camboim e Capororoca,  
Pra Banqueta de galpão,  
Nas rodas de chimarrão,  
Sentados meio de 'cróca'

O cerne da Cabriúva,  
Se usa muito em botija,  
A madeira é muito rija  
E de côr avermelhada,  
Botando cachaça nela,  
São C'uma côr de canela  
Côr de telha e perfumada.

A Tajuva dá uma vara  
É uma folhagem miúda,  
Queima que é ~~Deus~~ Deus-nos-acuda  
Dá braza pra fogareiro...  
Pra ferro de passar roupa,  
Carvão firme que se poupa  
Dá calôr um dia inteiro.

O cartucho da Taquara  
É melhor do que graveto,  
Quando se prepara o espeto,  
Pra pegar fogo é uma isca...  
Toda negra cosinheira,  
Tem recurso de primeira,  
Se junta quando se cisca.

Pra botar fogo no campo  
A gente corta uma vara  
De uns tres metros de ~~Taxi~~ Taquara...  
E aquilo no mais é a conta,  
Depois de queimar não néga,  
Acende qualquer macéga  
Sempre com fogo na ponta.